

“Levanta a saia, lá vem a maré¹”

O corpo como epistemologia no feminismo angoleiro

RAQUEL GONÇALVES DANTAS

*Universidade Federal do Maranhão
São Luís, Maranhão, Brasil*

DENISE DA COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil*

ID 2744

Recebido em

19/03/2023

Aceito em

21/10/2023

O objetivo deste artigo é discutir o feminismo angoleiro em um contexto contemporâneo de comunicação de violência e crise. O movimento debate práticas e discursos, gerando formas de conhecimento e epistemologias do corpo. A questão que nos instiga diz respeito a como os feminismos atravessam diferentes territórios. Em termos metodológicos, fazemos um levantamento sobre a noção de *ginga*, remetendo à líder africana Nzinga e a seu papel na incorporação do conceito no Brasil. Araújo, Barreto, Navarro, Lima, Bracks, Gilroy e Vidor são alguns nomes que ajudam a compor o referencial para discutir a *ginga* como pensamento e comunicação do corpo capaz de provocar reflexões sobre o papel do feminismo angoleiro.

Palavras-chave: Feminismo angoleiro. Capoeira. Corpo. Comunicação. Epistemologia.

“Lift up Your Skirt, Here Comes the Tide”: the Body as Epistemology in the Angoleiro Feminism

The aim of this article is to discuss the *angoleiro* feminism in the contemporary context of communication of violence and crisis. The movement debates practices and discourses, generating forms of knowledge and epistemologies of the body. The question that instigates us concerns how feminisms cross different territories. In methodological terms, we make a research on the *ginga*, bringing the story of the African leader Nzinga and her role in the incorporation of the concept in Brazil. Araújo, Barreto, Navarro, Lima, Bracks, Gilroy, and Vidor are some of the names that help composing the framework to discuss the *ginga* as a body thought capable of provoking reflections on the of *angoleiro* feminism.

Keywords: Angoleiro feminism. Capoeira. Body. Communication. Epistemology.

“Levántate la falda, que aquí viene la marea”: el cuerpo como epistemología en el feminismo angolero

El objetivo del artículo es discutir el feminismo angolero en el contexto contemporáneo de comunicación de violencia y crisis. El movimiento debate prácticas y discursos, generando formas de conocimiento y epistemogías del cuerpo. La pregunta que nos instiga se refiere a cómo los feminismos se cruzan en diferentes territorios. En términos metodológicos, hacemos una encuesta sobre la *ginga*, trayendo la historia de la líder africana Nzinga y su papel en la incorporación del concepto en Brasil. Araújo, Barreto, Navarro, Lima, Bracks, Gilroy e Vidor ayudan a componer el marco para discutir la *ginga* como pensamiento y comunicación del cuerpo capaz de provocar reflexiones sobre el papel del feminismo angolero.

Palabras clave: Feminismo angolero. Capoeira. Cuerpo. Comunicación. Epistemología.

¹ Verso antigo e de domínio público tradicional da capoeira. Remete ao universo feminino por referir-se à “saia” e à “chegada da maré”. Nos últimos anos, o verso tem sido utilizado em eventos organizados por mulheres.

Raquel Gonçalves **DANTAS**

Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Produtora Cultural da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na Superintendência de Comunicação e Eventos. Desde 2010 integra o Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola e de Tradições Educativas Banto no Brasil.

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: rgoncalves84@gmail.com

ORCID



Denise da Costa **OLIVEIRA SIQUEIRA**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com estágio pós-doutoral em Sociologia (Université Paris-Descartes; Université de Strasbourg; EHES). Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Líder do grupo de pesquisa Corps: corpo, representação e espaço urbano.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: dcos@uerj.br

ORCID



Introdução

Em 2020, em meio à pandemia causada pelo coronavírus, países vivenciaram transformações profundas em várias instâncias e em múltiplas áreas do conhecimento e da vida em sociedade. Em um contexto dramático, com efeitos sanitários, sociais, educativos, políticos, econômicos e ambientais, o Brasil experimentou seu maior retrocesso político e social desde os anos 1980, depois da abertura democrática pós-ditadura civil-empresarial-militar. A ascensão de forças conservadoras agravou a crise política e econômica que se arrastava no país desde o golpe político-parlamentar de 2016, expondo mais ainda à violência corpos historicamente vulneráveis como o de negros, mulheres, LGBTQIAPN+, indígenas, idosos.

As políticas de desmonte da educação pública, as intervenções do governo federal nas universidades, o corte no incentivo à pesquisa, a ascensão de ideias negacionistas sobre a ciência, a disseminação de desinformação, o sucateamento do sistema de saúde pública, o descaso com a pandemia da COVID-19 são exemplos de ações que integraram o projeto político vigente. Como consequência, resultaram na invisibilização e mesmo na eliminação de determinados corpos.

A crise social, econômica, ambiental e política instalada naquele momento no país se concretizou como efeito direto de um projeto político reducionista, sexista, racista, masculino, branco, heteronormativo. Os encaminhamentos propostos na condução do problema da pandemia pareceram explicitar quais vidas importavam, quais corpos teriam direito à vida. O Brasil se tornou um dos centros mundiais de contaminação pelo coronavírus no mês de junho de 2020 (VALERY, 2020; FIOCRUZ, 2020).² Mesmo com escassez de testes, subnotificação de casos, ações descoordenadas entre os estados e com o interesse do governo federal de escamotear os números de contaminados e mortos, os dados relativos à pandemia mostraram um cenário desolador, em que sobretudo idosos e pobres sem acesso à informação de qualidade e a serviços de saúde pública ou privada morreram, dia após dia, nos primeiros seis meses de pandemia no país (KELLY, 2020; MELLO, 2020).

A crise desenhou um cenário marginalizante para a produção de conhecimento focada em epistemologias que rompem e desafiam as práticas disciplinadoras que regem o contexto contemporâneo. Contudo, corpos, vidas e comunidades sobrevivem e se articulam em formas diversas de resistência a um projeto que não se preocupa se são eliminados. Se a conjuntura se mostra opressora, a potência comunicativa e a agência de corpos marginais também se apresentam como possibilidades ou caminhos de (re)existência.

Diante de quadros como esse, grupos de mulheres se organizam em espaços de apoio mútuo, solidariedade, cuidados e afetos. Os feminismos sempre foram ferramentas políticas. Em tempos de crise, suas gramáticas, metodologia e formas de atuação se mostram mais didáticas e compreensíveis para os que confiam na democracia. A produção de conhecimento derivada das discussões feministas se torna um caminho possível para novas construções do real e perspectivas sobre o mundo. Esse entendimento leva a pensar que o momento demanda um mergulho em formas alternativas de pensamento para a compreensão das transformações em curso. Partindo dessas ideias, neste texto discutimos um caminho possível, uma brecha existente diante das violências e da crise recente.

O objetivo deste artigo é estudar o feminismo *angolense*, observando-o no contexto atual e em uma perspectiva de redesenho da fabricação social do corpo na cultura brasileira. Temos como intuito debater os desdobramentos conceituais da noção de ginga feminista e como ela se apresenta na formação e na constituição do feminismo *angolense* em sua relação com culturas afrodiáspóricas. Desenvolvido no âmbito da Capoeira Angola, o movimento constitui uma rede de resistência a uma capoeira anteriormente constituída majoritariamente por homens, na qual as mulheres ocupavam lugares secundários. Com múltiplos olhares, o feminismo *angolense* debate práticas e discursos antes introjetados no jogo e gera formas de conhecimento, produzindo corpos diferentes e, finalmente, redefinindo a própria capoeira.

² Em 2023, o país atingiria a triste estatística de mais de 700.000 mortos devido à doença.

A questão que nos instiga diz respeito a como os feminismos se estabelecem em diferentes espaços e territórios, acionando um debate próprio do feminismo *angoleiro* sobre o conceito de ginga na capoeira e na grande roda³ – levando em conta a multiplicidade de sentidos do termo. Para desenvolver o tema, iniciamos a discussão articulando feminismo, produção de conhecimento e representações. Em seguida, refletimos sobre a ginga como uma epistemologia feminista, fazendo um levantamento bibliográfico sobre o termo em várias manifestações culturais e trazendo a trajetória de Nzinga, relacionando as ações, as estratégias de guerra e a personalidade dessa liderança angolana com o conceito, já incorporado e consolidado no Brasil. Posteriormente, discutimos a ginga como uma gramática corporificada e um elemento de comunicação pelo corpo.

Para a reflexão, evocaremos pesquisadoras angolanas, mestras e mestres da capoeira que ajudam a articular a ginga como pensamento do corpo capaz de provocar críticas sobre a crise atual e a apontar o papel do feminismo *angoleiro* na sociedade. Janja Araújo, Paula Barreto, Verônica Navarro, Renata Lima, Mariana Bracks, Paul Gilroy, Letícia Vidor são alguns dos autores que contribuem para esta discussão.

Este artigo apresenta um recorte derivado de nossas inquietações, reflexões e pesquisas. Está fundamentado em uma pesquisa mais ampla de caráter etnográfico, em trabalho de campo e em análise de material de mídia que vimos desenvolvendo em outros escritos (DANTAS, 2020; SIQUEIRA; MAJEROWICZ; DANTAS, 2021).

Feminismo, produção de conhecimento e representações

A diversidade dos corpos femininos e de todos aqueles que não se encaixam no padrão heteronormativo tem se tornado objeto político. Os lugares que ocupam, os espaços conquistados se tornam *loci* de reflexão pública. Mídia convencional, redes sociais, política partidária, palcos dão visibilidade e, muitas vezes, institucionalizam esses corpos. Tal espaço, duramente negociado ao passo que rompe barreiras do sexismo e liberta, também gera crises, retrocessos, provoca enfrentamentos políticos e disputas conservadoras nas mais variadas instâncias da sociedade.

Desde os anos 1990, a filósofa Judith Butler já anunciava outras perspectivas para a política feminista, trazendo aportes teóricos para conceitos como gênero e identidade. A conjugação de movimentos ampliou as pautas feministas, acolhendo corpos, revisitando conceitos, pluralizando as reivindicações por igualdade. Assim, nas palavras da filósofa,

[...] talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e a identidade – isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, se não como um objetivo político (BUTLER, 2003, p. 23).

No momento atual, desde os primeiros sinais de ascensão de forças conservadoras, os vários feminismos têm se projetado como movimentos de resistência e reorganização de luta pela democracia e pela igualdade de direitos. A crise aguda levou a projetar esforços coletivos para aprofundar saberes em torno de um novo tipo de política feminista, a fim de fazer valer o “agora desejável” de Judith Butler (2003), anunciado na primeira edição de seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

No âmbito da Capoeira Angola, essa política vem se fortalecendo nos últimos anos em práticas e produções teóricas cujo conjunto é denominado como feminismo *angoleiro* (ARAÚJO, 2017; DANTAS, 2020). Articulado por mulheres, o movimento surge da reflexão sobre o espaço da mulher dentro da Capoeira Angola e a ampliação de sua atuação para fora do ambiente da prática, alcançando outras rodas sociais. No feminismo *angoleiro*, o corpo produz um tipo de pensamento que ultrapassa a prática corporal do jogo, da dança, da luta.

³ Refere-se aqui aos espaços de vivências sociais, à própria sociedade em si. O termo é utilizado em oposição a pequena roda, que se refere à roda de capoeira propriamente dita.

Importante contextualizar que a Capoeira Angola é uma prática desenvolvida no Brasil a partir de elementos corporais, musicais e espirituais de matrizes africanas. Mestre Pastinha foi um dos fundadores e um dos principais difusores dos fundamentos da Capoeira Angola. Em outra perspectiva, a Capoeira Regional, que teve em Mestre Bimba um de seus principais expoentes, desenvolveu uma metodologia que incluiu elementos de artes marciais, inseriu o sistema de cordas, treinos de alto rendimento, transformando a prática em uma modalidade esportiva. Hoje há inúmeras formas e apropriações da prática, entre elas a capoeira contemporânea, que mescla as duas modalidades. Neste artigo, o foco e recorte recaem na Capoeira Angola, especificamente naquela pensada e praticada por mulheres.

Na capoeiragem, os imaginários e as construções sociais vigentes “naturalizam” a presença masculina nos espaços de poder e atribuem uma performance de eficiência e técnicas de movimento ao corpo do homem, deixando à mulher o lugar “do outro” – expressão já apontada por Simone Beauvoir em *O Segundo Sexo* ([1949] 1970). A explicação da filósofa sobre a categoria mulher se aplica à realidade da maioria das mulheres angoleiras, que não são definidas por si no universo da capoeira, mas em relação ao homem – ao mestre, ao professor, ao corpo masculino eficiente.

Djamila Ribeiro (2017, p. 40) retoma o pensamento de Beauvoir ao escrever que “o mundo não é apresentado para as mulheres com todas as possibilidades” justamente por elas ainda serem pensadas como “o outro”. Ribeiro tem evidenciado o pensamento de feministas negras a fim de debater as hierarquias sociais de modelos vigentes de opressão sobre os corpos, especialmente os de mulheres negras. O feminismo negro conseguiu apontar diversos marcadores interseccionais que podem atravessar a categoria gênero. As construções sobre as especificidades de cada corpo – seja ele masculino, feminino, LGBTQIAPN+, não binário, heterossexual, negro, branco etc. – têm sido tema de reflexões do feminismo *angoleiro*. Nesse âmbito, a ginga se mostra uma potente ferramenta de comunicação do corpo e de formação para garantir a permanência das mulheres na Capoeira Angola. A noção de uma ginga feminista também amplia o debate para instâncias de opressões vividas por outros corpos, principalmente no contexto de crise recente.

A performance imposta às mulheres pelo patriarcado é determinista e perversa na fabricação de subjetividades, como já pontuava Heleieth Saffioti em *Gênero, patriarcado e violência* (2011). Recorrentemente, a mulher se sente incomodada ou incômoda, pois seu corpo, sua subjetividade, sua existência não estão naturalizados naquele espaço que se consolidou como predominantemente masculino. Recorrendo à ginga, o feminismo *angoleiro* elege uma comunicação incômoda, questiona ensinamentos que consolidaram violências veladas e desafia a novos imaginários. Assim, configura-se a ginga feminista, um movimento negociado, desenvolto, esteticamente articulado e também desafiador. Um movimento que propõe uma comunicação própria, autônoma e transformadora.

Tais performances, nas mais diversas instituições sociais, carregam representações sobre a mulher na sociedade. No espaço das produções midiáticas, essas representações – e os consequentes estereótipos – ganham amplitude. O protagonismo de personagens femininas em animações de heróis, por exemplo, somente ganha espaço, lentamente, a partir da década de 1980, quando se ampliam as críticas do feminismo aos estereótipos de gênero. Desse modo, “aos poucos, princesas e personagens sem atributos ou ocupações que não fossem o cuidado com a beleza e com a vida doméstica, passaram a dividir espaço com heroínas que assumem habilidades, responsabilidades e valores antes reservados aos homens” (MENDES; SIQUEIRA, 2018, p. 127). Ainda no campo das produções audiovisuais, videoclipes brasileiros se mostraram espaços de reforço de representações de gênero voltadas para a invenção de divas, mulheres poderosas (SIQUEIRA, 2017) e suas rivais, as invejosas ou inimigas (SIQUEIRA; MENDES, 2019).

Tais representações estereotipadas encontraram no corpo lugar de expressão. O corpo e suas práticas, ao longo da história da sociedade brasileira, se situaram em um campo de disputas que abrange várias áreas do conhecimento. A retomada da Capoeira Angola a partir dos anos 1980 – depois de algumas décadas em declínio em relação à Capoeira Regional, de caráter esportivo, que ganhava visibilidade – se

deu à medida que incorporou a luta antirracista, a preservação da cultura negra, entre outras pautas que a aproximaram de um pensamento e uma prática libertária e engajada (FRIGERIO, 1989; ARAÚJO, 2004).

Nesse sentido, para pensar o movimento do corpo na Capoeira Angola como uma epistemologia, se faz necessário nos debruçarmos sobre o balanço da ginga. Esta, na capoeira, explica-se como um movimento fundamental, base do aprendizado da prática afrodiáspórica com inúmeros sentidos e significados. Trata-se do balanço do corpo, da dança que define a própria capoeira, com movimentação dos pés e dos braços de onde saem todos os golpes e as esquivas, ou seja, os ataques e as defesas. A ginga, foco deste artigo, tem engendrado um pensamento do corpo que compõe a prática do feminismo *angolense*. Ao redesenhar a construção social do corpo, discutiremos os desdobramentos conceituais da ginga feminista e como ela se apresenta na formação e constituição do feminismo *angolense*.

A epistemologia do corpo proposta pela ginga reflete acerca de uma produção de conhecimento que se movimenta na trama complexa das relações de poder. A própria gramática da capoeira se mostra controversa e um terreno fértil para a ginga: ora vulnerável às reproduções de opressão, ora potente para uma comunicação transformadora.

Na roda de capoeira, a ginga sintetiza os aprendizados da prática, rompe barreiras, sentidos e ressignifica movimentos. Ela aciona uma nova episteme na construção do conhecimento dos saberes corporificados. Proposta a partir do movimento de mulheres, a ginga feminista tem transformado a estrutura da própria Capoeira Angola.

Ginga: uma epistemologia feminista

O debate sobre o conceito de epistemologia proposto por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010) cabe a esta reflexão na medida em que desenvolve um pensamento sobre a perda ontológica de conhecimentos subjugados nos processos de colonização e de capitalismo modernos. Com base nesse pensamento, atribuir à ginga uma epistemologia feminista significa dar a ela o *status* de ação produtora de conhecimento que age na contramão das epistemologias dominantes, na desconstrução de um projeto homogeneizante de mundo.

O contexto de crise leva a pensar sobre embates epistemológicos que são travados no campo da prática cotidiana do pensamento e da vida em sociedade. O cenário político global convoca a formas estratégicas de ação, uma vez que os projetos de homogeneização mostram fissuras, entram em crise junto com as formas de organizações sociais modernas. Forças conservadoras ganharam espaço em um contexto recente de esfacelamento de políticas públicas e do desequilíbrio econômico, sanitário e social do país. Nesse quadro, o feminismo desenvolvido a partir da Capoeira Angola convoca a ginga como um pensamento do corpo que encontra uma brecha para manifestar-se.

Segundo Santos e Meneses (2010, p. 16), a intervenção do colonialismo e do capitalismo moderno “descredibilizou e, sempre que necessário, suprimiu todas as práticas sociais de conhecimento que contrariassem os interesses” a que ela servia, constituindo o que os autores chamam de epistemicídio. Sueli Carneiro (2005, p. 97) retoma a noção explicando o epistemicídio como “o processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais”. O epistemicídio afeta diretamente os processos de aprendizagem do negro no Brasil, assim como impede o reconhecimento e a validação dos saberes negros, anulando subjetividades e eliminando produções de conhecimento contra-hegemônicas. Assim como os negros, as mulheres e seus saberes também ocupam esse lugar de Outro, de invisibilização, de marginalização do conhecimento.

Em contrapartida ao epistemicídio, pode-se entender a ginga como uma epistemologia feminista

que aparece como um projeto decolonial, visando dar conta da diversidade cultural e política. Seu intuito seria o de propor uma produção de conhecimento a partir da experiência social de mulheres angoleiras.

A Capoeira Angola se coloca como um potente instrumento de autonomia e formação do corpo político de mulheres. Não apenas sob o aspecto estético que a prática imprime aos movimentos do corpo, nem sob seu elevado poder de comunicação, mas em relação aos sentidos produzidos pela ginga na grande roda, naquilo que excede o jogo e alcança a própria sociedade. Trata-se de entender a ginga como uma epistemologia do corpo. As mulheres desenvolvem autonomia por meio de uma corporeidade ativa que, antes, era retraída e subjugada no meio da capoeiragem.

Que corpo é esse? É principalmente o corpo que vai se moldando na própria experiência e vivência através do tempo acumulado na prática. Que desestrutura principalmente as categorias de verticalidade, de equilíbrio, de eixo, de força. É um corpo atento, aberto aos estímulos sensoriais, sensível, não só das próprias corporeidades, também da(o) outra(o). Um corpo *angoleiro* está sempre alerta, na rua, quando entra em um espaço fechado, quando está em um ritual (NAVARRO, 2018, p. 75).

A ginga estrutura o balanço do corpo, o desequilíbrio. Ela se constitui como uma brincadeira, uma movimentação lúdica onde começam e terminam todos os golpes de ataque e defesa. Ela pode ser maliciosa, enganadora, improvisada, dançada, malandra, divertida e auspiciosa, mas também perigosa. A brincadeira e as travessuras aparecem na ginga angolense como ações e movimentos fundidos nos quais é difícil identificar o início e o fim do gesto, o que é chamado de “ginga mandingada”. A pesquisadora Renata Lima Silva (2011, p. 2) a entende como uma

[...] habilidade de surpreender o adversário, de ‘fechar-se’ e evitar ser apanhado de surpresa pelo outro. De florear e incrementar o jogo, mas com muita astúcia, leveza e precisão. [...] A mandinga também diz respeito à crença e aos aspectos místicos que envolvem a capoeiragem.

A mandinga se situa no limiar entre “o corpo visível e o invisível, uma prática mágico-religiosa” (ZONZON, 2017, p. 84) atrelada a gestos durante o jogo e incorporada à ginga. A pesquisadora e angolense Christine Zonzon discorreu, em seu trabalho etnográfico de doutorado, publicado no livro *Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição*, várias facetas da mandinga que integram um repertório corporal associado à malícia, muitas vezes utilizada por homens mais velhos e mestres para justificar discursos que calam ou afastam mulheres.

A partir de depoimentos de algumas mulheres, Zonzon relata como os limites entre aquilo que pertence ao universo do jogo e da malícia são resignificados e questionados quando uma mulher afirma que sabe qual a diferença entre o que é capoeira e o que é violência física. Nesse sentido, os meandros da malícia, da mandinga também estão sendo reinterpretados pela presença dessas mulheres e aportando de outras formas na ginga do corpo feminino.

Mestre Pastinha (1988, p. 52), educador baiano precursor da Capoeira Angola, defensor da tradição oral e da capoeira não violenta afirmou que a ginga tem como objetivo “distrair a atenção do adversário para torná-lo vulnerável à aplicação de seus golpes”. A ginga evoca o vaivém dos corpos em trânsito, daqueles que driblam as condições do entorno para seguir em frente, como os africanos em diáspora e seus descendentes. O percurso é gingado e cheio de reentrâncias. Sobre o vaivém do corpo na ginga, Zonzon (2017, p. 242) afirma que

O corpo diz que vai e não vai, sai titubeando ou rolando sobre si mesmo para voltar em um impulso certo, se abre com um aparente descuido na bananeira e se fecha traiçoeiramente sobre o corpo do adversário que se arriscou no ataque. O vai e vem evidencia literalmente na chamada de angola, quando se convida o parceiro de jogo a aproximar-se e, juntos, quase abraçados, andamos pra frente e pra trás. Em seguida nos separamos restabelecendo a distância e a concorrência, reiniciando o jogo. E assim por diante. Os corpos se atraem e repulsam, os movimentos vêm de baixo pra cima e de cima pra baixo, enfeitando essa trajetória com inúmeros recursos da malícia.

A autora descreve o jogo de Capoeira Angola e evidencia o deslocamento dos corpos que se movimentam em perguntas e respostas, em diálogo constante. O vaivém dos corpos é preenchido pela ginga, pelo movimento que comporta inúmeros sentidos. Na ginga, o corpo *angoleiro* ameaça, sugere o golpe, brinca com o movimento, desequilibra, finge que cai, muda o eixo de apoio, inverte a direção e surpreende a sequência esperada.

A socióloga e mestra de Capoeira Angola Paula Barreto (2016, p. 72) explica que “a partir do seu uso na capoeira, o termo [ginga] passou a ser usado em outros contextos associado a flexibilidade, malemolência e ritmo, que são apontados como marcantes na movimentação corporal peculiar dos(as) brasileiros(as)”. Essa compreensão extravasa a definição corpórea, física e também se aplica à “malemolência” com que as(os) capoeiristas lidam com a realidade na grande roda da vida. A autora cita os estudos de Cristina Rosa, artista e pesquisadora na área da dança que realizou seu doutorado em Cultura e Performance na Universidade da Califórnia, pesquisando a ginga no samba, no teatro e na capoeira.

Rosa (2010) afirma que o termo ginga se refere a uma forma particular de movimento corporal sinopado, centrado em matrizes afro-brasileiras, cuja estética está ligada a uma série de princípios, como o policentrismo e a polirritmia, os quais circulam dentro do universo do Atlântico Negro. Nos três casos, Rosa analisou a maneira pela qual “a ginga disciplina corpos a produzirem e transmitirem uma maneira particular de compreender e interagir com o mundo, com o outro, e consigo mesmo” (BARRETO, 2016, p. 72).

O universo do Atlântico Negro, retomado por Barreto, foi tema central da obra homônima do sociólogo britânico Paul Gilroy, que discute uma ideia pertinente ao conceito de ginga. O autor afirma que as relações construídas a partir da diáspora favorecem um circuito comunicativo transnacional que excede os limites étnicos e de Estado-nação. A cultura negra dispersa mundo afora a partir do navio em deslocamento no espaço marítimo do Oceano Atlântico modelou gestos, movimentos, formas de interagir, trocas culturais identificadas no universo da Capoeira Angola. No corpo *angoleiro*, a ginga se mostra descendente direta dessa cultura formada em movimento, como um grande mosaico que nasce da mistura e do balançar dos navios em alto-mar.

Sob a ideia-chave da diáspora nós poderemos então ver não a “raça”, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (GILROY, 2001, p. 25).

Ginga, gramática corporificada

Na história contada pelos gestos, a corporeidade negra guarda e revela memórias a partir do movimento. Linguagem e expressão dessa história, a ginga se apresenta como um recurso de resistência e sobrevivência. Como dança, brincadeira e luta, os movimentos corporais remetem aos ancestrais e são capazes de produzir sentidos, conectando os gestos, o canto, o aspecto espiritual e a performance no ritual da roda de capoeira. A historiadora e angoleira Mariana Bracks Fonseca entrevistou vários mestres perguntando sobre o que significava a ginga. Reunindo as respostas mais recorrentes, ela destacou:

[...] o objetivo de enganar o oponente, driblar, confundir, possibilitar a fuga e ao mesmo tempo projetar um ataque, não ser um alvo fácil. Usado inicialmente para disfarçar a luta em dança; é também negociação, é diplomacia, evita o conflito direto; é o que dá beleza ao jogo, dá leveza à luta; é o momento em que o jogador mostra suas habilidades em dissimular e assim, pode fazer com o que o oponente “abra as guardas”, permitindo que se vença o jogo (FONSECA, 2017, p. 129).

Embora a autora faça um levantamento bastante diversificado sobre os sentidos da ginga, ela encerra o trecho citado com uma afirmação sobre “vencer o jogo”. A ginga permite uma reorganização do jogo

para a continuação de um diálogo circular de corpos, em que as situações de vantagens e desvantagens se alternam à medida que cada jogadora e jogador executam os movimentos de pergunta e resposta, preenchendo os espaços vazios com a ginga.

O jogo de capoeira não se encerra; ele é permanente, uma vez que seu entendimento como ritual não se reduz a uma disputa localizada – não há vencedores e perdedores. Existe uma comunicação, um diálogo de corpos que traduz sentidos diversos da realidade. Letícia Vidor Reis (2013, p. 84) reforça a ideia da ginga como um enfrentamento indireto, lúdico, quando, ao citar mestre Sombra, afirma que “o corpo do capoeirista é que nem água, no sentido de que se derrama pelo espaço livre e a ele se amolda, preenchendo todos os espaços vazios que encontra”.

A ginga constitui a solução do corpo para transitar entre os aspectos contraditórios presentes na capoeira e no mundo. Desde o início do século passado, a capoeira não mais se constitui como um espaço exclusivo de negros. A presença multiétnica no interior da capoeira tem provocado tanto tensões raciais como espaços de convivência e respeito às diferenças. O reconhecimento da capoeira como um espaço de conflito convoca a uma análise singular e complexa, que abraça simultaneamente a compreensão de um espaço democrático, acolhedor, mas também de lugar de reprodução de modelos opressores.

A identificação da capoeira como um lugar de luta, resistência e tensões internas e externas geralmente acontece com o passar dos anos e com a relação de pertencimento dos praticantes à comunidade da capoeira. Se aplicamos o recorte de gênero, os enfrentamentos chegam cedo, impedindo muitas vezes a permanência das mulheres. Se cruzarmos o marcador racial e focarmos nas mulheres negras, os desafios aumentam e as dificuldades se acentuam.

A ginga instrumentaliza a permanência de mulheres no interior da Capoeira Angola. Se, ao longo da história, a tradição, a malícia e a mandinga serviram de “justificativas” para ocultar violências, legitimar discursos que afastaram as mulheres, as impediram de permanecer e ocupar espaços de poder, hoje elas se apropriam desses mesmos elementos da capoeiragem para reconduzir a prática a um espaço de luta pela igualdade e reivindicação de direitos.

Essa questão leva à reflexão sobre a potência da ginga feminista na transformação de práticas opressoras no interior da Capoeira Angola, principalmente aquelas direcionadas às mulheres, mais ainda às negras. Quando incorporada e explorada entre mulheres que compartilham inquietações semelhantes sobre opressões vividas, a ginga se apresenta como um dispositivo de desmonte das disciplinas impostas socialmente sobre o corpo. A construção subjetiva da ação comunicativa que se produz no ato de “gingar” entre mulheres possui um caráter libertário, transformador e revolucionário.

Em encontros exclusivos de mulheres, é comum escutar depoimentos sobre as facilidades em executar determinados movimentos quando eles são ensinados por mulheres (DANTAS, 2020). A representatividade contribui para a assimilação e facilita o diálogo entre corpos. A ginga permite a construção de caminhos e conexões que fogem da lógica racionalista e possibilita uma outra compreensão do mundo; ela produz novas formas de lidar com conflitos.

A construção do saber acionado a partir da ginga, do balanço do corpo, do olhar, do movimento que diz que vai, mas não vai, da mandinga, da brincadeira circular se materializa em subjetividades próprias, autônomas e reflete em corpos livres, libertos e apropriados de si. A ginga incorporada pelas mulheres angolenses, individual e coletivamente, traduz uma epistemologia que se faz na prática feminista. A ginga feminista se estrutura na busca pela construção de diálogos livres, capazes de produzir uma ação comunicativa efetiva, duradoura e horizontal. Ela cria laços de sociabilidade à medida que constrói uma comunicação comum, partilhada, empenhada no desafio diário de existir.

A gramática corporificada pelos negros em diáspora originou modos de comunicação “produzindo fórmulas específicas de registrar o mundo, fazendo das práticas orais/corporais lugares dominantes de troca capazes, inclusive, de perdurar, deixando vestígios para sua interpretação” (BARBOSA, 2016, p. 45).

Esta afirmação de Marialva Barbosa em *Escravos e o mundo da comunicação* sugere a potência dos gestos dos(as) negros(as) escravizados(as). A ginga feminista herda esse espaço dominante de troca e criação, que não só deixa vestígios para a interpretação, como transforma o próprio entendimento da Capoeira Angola.

A palavra ginga faz referência a Nzinga Mbandi (1583-1663), líder guerreira angolana conhecida por suas artimanhas, sua habilidade em negociar e enganar a coroa portuguesa no século XVII em nome da sobrevivência de seu povo e da sua própria. A associação de características que definem a personagem com a ginga da capoeira permite ligar a ancestralidade conceitual do termo com o imaginário feminino africano. Mariana Bracks Fonseca (2018) dedicou suas pesquisas à vida da angolana e à ginga na Capoeira Angola.

Impossível não associar estes significados à trajetória política e militar da rainha Ginga [...] Durante sua longa vida, esta rainha usou de mil “disfarces”, assumiu diversas roupagens para garantir sua sobrevivência política e espaços de mando: foi batizada, mas poucos anos depois passou a comandar os guerreiros jagas, e, no final de sua vida, voltou a se proclamar cristã. Em um constante vai e vem de estratégias, buscava a negociação e a diplomacia, mas quando esta via não produzia efeitos, mostrava sua força na guerra. Vários episódios da vida desta rainha nos mostram sua perspicácia para vencer os inimigos, seja para enganá-los e conseguir fugir, seja no enfrentamento militar direto. As características atribuídas à rainha correspondem aos adjetivos empregados para descrever o movimento ginga (FONSECA, 2018, p. 177).

A autora narra situações que ilustram a dissimulação da rainha e enfatiza a análise de outros historiadores a respeito do confronto indireto adotado por Nzinga Mbandi, dando exemplos práticos para a compreensão da fuga como solução necessária à sobrevivência, à permanência no jogo ou no campo de batalha em defesa de seu povo.

Considerações finais

A ambivalência e os sentidos da ginga na capoeira associados a Nzinga são também atribuídos às formas de resistência escravista no Brasil. O amplo conhecimento de estratégias cotidianas utilizadas pelos(as) negros(as) escravizados(as) para a conquista de liberdade priorizava os confrontos indiretos, aproximando tais práticas sociais e comunicativas dos atributos da ginga.

Os escravos negociavam sua liberdade e apenas quando as possibilidades de barganha e as concessões se esgotavam partia-se para a ruptura, para o confronto direto. [...] E sobretudo por permitir disfarçar a luta na forma da dança, a ginga se estabelece como principal responsável por essa ambivalência (REIS, 2013, p. 86).

O universo semântico evocado pela palavra ginga personificado em uma mulher guerreira, líder, detentora de poder abre caminhos para a reflexão em torno da ginga feminista como instrumento de libertação de amarras impostas socialmente às mulheres no interior da capoeira – afinal, na prática, “o corpo que se conforma é o mesmo que, no instante seguinte, ataca” (FONSECA, 2017, p. 133). Dissimular as intenções, saber o momento adequado de falar, de agir e aproveitar as brechas para ocupar e permanecer são algumas das estratégias da ginga feminista. Assim, a ginga feminista é não apenas metafórica, simbólica, mas também física, material. É um movimento do corpo e da cultura, ou da mudança de cultura. É claramente comunicação do corpo, pelo corpo, é interação.

A ginga precisa se constituir de maneira imprevisível para atingir não só a plasticidade do movimento, mas o seu objetivo de mostrar para a(o) parceira(o) jogadora(or) – não adversária(o) – onde entraria o golpe que pode ser dado ou não. Encontrar a brecha na ginga da(o) outra(o) não é sinônimo de golpe acertado. Insinuar a rasteira, mostrar para a(o) outra(o) como o golpe poderia ter sido encaixado representa mais uma construção semântica dos corpos para outros diálogos possíveis. A ginga feminista tem trilhado esse caminho, aflorando a memória ancestral dos “fatos históricos sintetizados pelo balanço do corpo” (FONSECA, 2017, p. 135).

O debate suscitado neste artigo permite uma reflexão sobre possíveis analogias entre a ginga e as estratégias de sobrevivência de corpos perseguidos e mais atingidos pela crise política, econômica e sanitária recente no Brasil. O número de mortes ocasionado pela pandemia, agravado por aquelas fruto de um projeto político, exige uma rearticulação cautelosa. A ginga se faz um conceito pertinente para entrar nesse jogo político, de interação, em defesa da vida.

A sabedoria de “tirar o time de campo” quando o momento não é oportuno, recuar para avançar, olhar para os espaços internos, fortalecer-se para encarar a batalha são mecanismos incorporados pela ginga feminista que se aplicam ao contexto de luta em defesa da democracia no contexto atual. O balanço do corpo e a malemolência acionam um jeito de lidar com a realidade que não se alinha com a disciplina autoritária e pouco flexível.

Quando Mariana Bracks Fonseca (2017) exemplifica atitudes de “fuga” como uma estratégia de sobrevivência – a partir da história de Nzinga e das falas de alguns mestres sobre a ginga capoeirista –, provoca uma reflexão sobre a importância de “parecer” dócil sem sê-lo. O recuar proposto pela ginga não significa abandonar a batalha, mas saber ler a conjuntura e organizar-se internamente para ativar a ação no momento oportuno.

Gingar pressupõe negociar, interagir socialmente, comunicar. E, para as mulheres, a negociação é permanente. A ginga feminista se apresenta como uma possibilidade de perpetuação das mulheres nos espaços e de transformação de sua condição de “outra”, de subalterna. Logo, a ginga pode ser um mecanismo de transformação do real.

A Capoeira Angola se estrutura como uma arena de aprendizados múltiplos, como um espaço onde são evidenciados corpos racializados, brancos e negros, impulsionando ações diretas na realidade a partir dos aprendizados e das tensões oriundas da convivência multiétnica e multigênero. Apontar a potência pedagógica da Capoeira Angola é propor inversões de poderes, ao atribuir a esse espaço não formal o *status* de lugar onde saberes se materializam em ações práticas e produzem conhecimento.

É nessa dobra que a epistemologia da ginga contribui para os estudos em comunicação. Aliás, ela própria é comunicação no sentido de negociação, diálogo, interação com o outro. Como processo comunicativo, a ginga não se efetiva sem a presença do outro, do interlocutor. É um processo social, é coletiva, mesmo que repleta de narrativas e subjetividades. É com o outro que a ginga feminista se faz, como um projeto de uma comunicação alternativa, uma possibilidade, uma outra voz.

Aí situa-se, em nossa visão, a contribuição da noção de epistemologia da ginga (feminista) para os estudos de comunicação: a mobilização da ginga para pensar negociações e estratégias em situações de interação, mas também em análise de situações e ações de resistência política e cultural. A ginga, sob esse olhar, vai muito além da capoeira.

A ginga feminista se mostra uma epistemologia que gera propostas alternativas de vida social. No campo da cultura e das ciências humanas, o corpo se encontra no centro dessas disputas de poder. Nesse sentido, o feminismo *angolense* encontra sua arena na produção acadêmica, na própria Capoeira Angola e nas rodas da vida. Isso implica um enfrentamento a projetos que têm minado liberdades e possibilidades criativas de interação social.

Referências

ARAÚJO, R. J. C. **Iê, viva meu Mestre:** a Capoeira Angola da “escola pastiniana” como práxis educativa. 272 f. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

_____. Ginga: uma epistemologia feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017; e WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13., 2017. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2017.

BARBOSA, M. Escravos letrados: uma página (quase) esquecida. **E-Compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan.-abr. 2009.

_____. **Escravos e o mundo da comunicação:** oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BARRETO, P. C. S. Tensões em torno da definição da capoeira como expressão cultural negra: reconstruindo as pontes entre Brasil e a África. **Discussion Paper**, Kyoto, n. 64, p. 64-75, 2016.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DANTAS, R. G. **Corpo-comunicação:** um estudo sobre a ginga feminista angoleira. 278 f. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2020.

FIOCRUZ. **Boletim Observatório Covid-19:** Semanas Epidemiológicas 27 e 28 (de 28 de junho a 11 de julho de 2020). Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/42830/boletim_covid_16-07-2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 5 ago. 2020.

FIOCRUZ. **Boletim Observatório Covid-19:** Semana Epidemiológica 29 e 30 (de 12 a 25 de julho de 2020). Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_covid_30-07-2020.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

FONSECA, M. B. Ginga: história e memória corporal na capoeira angola. **Revista Rascunho**, Uberlândia, v. 4, n. 3, p. 124-138, jul.-dez. 2017.

_____. **Ginga de Angola:** memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2018.

FRIGERIO, A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 10, 1989.

GILROY, P. **Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

KELLY, B. Crescimento de mortes em casa alerta para subnotificação de Covid-19. **UOL**, São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/08/crescimento-de-obitos-domiciliares-alerta-para-subnotificacao-de-covid-19.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MELLO, D. Covid-19: médicos dizem acreditar em subnotificação de casos e mortes: para 45,4%, volume é superior ao informado pelo Ministério da Saúde. **Agência Brasil**, São Paulo, 7 jul. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-07/medicos-veem-subnotificacao-em-casos-e-mortes-por-coronavirus>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MENDES, M.; SIQUEIRA, D. Protagonismo feminino em desenhos animados: gênero e representações no entretenimento audiovisual. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 2, p. 125-144, ago. 2018.

NAVARRO, V. D. **N’Outras corpos**: desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na Capoeira Angola do grupo Nzinga. 130 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2018.

PASTINHA, V. F. (Mestre Pastinha). **Capoeira Angola**. Salvador: SEC/BA, 1988.

REIS, L. V. **Capoeira**: uma herança cultural afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro Edições, 2013.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

ROSA, Cristina. **Choreographing Identification**: The Presence of Ginga in Samba, Capoeira, and Grupo Corpo. 2010. Tese (Doutorado em Cultura e Performance) – Universidade da Califórnia, Los Angeles, 2010.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, R. L. Corpo que ginga. REUNIÃO CIENTÍFICA DA ABRACE, 6., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ABRACE, 2011.

SIQUEIRA, D. C. O. Divas: corpo, performance e gênero em videoclipes. In: CHIARA, Ana et al. **Bioescritas, biopoéticas**: corpo, memória e arquivos. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 318-334.

_____; MAJEROWICZ, F. G.; DANTAS, R. G. Lágrimas de papel: Mestre Pastinha e os regimes de afeto no jornalismo impresso. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e-103478, 2021.

_____; MENDES, T. B. “Que clipe foi esse, que tá um arraso?": inveja, corporeidade e interação nas representações midiáticas de mulheres. In: SIQUEIRA, D. C. O.; FORTUNA, D. R. (Orgs.). **Narrativas do eu**: gênero, emoções e produção de sentidos. Porto Alegre: Sulina, 2019. p. 88-104.

VALERY, G. Covid-19: Brasil ultrapassa 55 mil mortos. “Pior ainda está por vir”, alerta epidemiologista. **Rede Brasil Atual**, 26 jun. 2020. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/rCGSY>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

ZONZON, C. N. **Nas rodas de capoeira e da vida**: corpo, experiência e tradição. Salvador: EDUFBA, 2017.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho do estudo

Raquel Gonçalves Dantas e Denise da Costa Oliveira Siqueira

Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Raquel Gonçalves Dantas e Denise da Costa Oliveira Siqueira

Redação do manuscrito

Raquel Gonçalves Dantas e Denise da Costa Oliveira Siqueira

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Denise da Costa Oliveira Siqueira e Raquel Gonçalves Dantas

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado de um desdobramento da pesquisa desenvolvida para o doutorado de Raquel Gonçalves Dantas, com a tese *Corpo-comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira*, defendida em 2020 sob orientação da professora Denise da Costa Oliveira Siqueira no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ).

Fontes de financiamento

Raquel Dantas: Qualitec/UERJ; Denise Siqueira: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Prociência/FAPERJ) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.